

Para analistas, Brasil está mais bem preparado para enfrentar turbulência

(Liana Melo e Bruno Villas Bôas)

O Globo

Ex-ministro teme desvalorização do real, porque pressionaria inflação e juros

De uma tacada só, a agência de classificação de risco Standard & Poor's rebaixou ontem a nota de Grécia e de Portugal, criando um temor de que a crise grega esteja se espalhando pela Europa e possa ter consequências globais. Porém, há um consenso entre os analistas de que a turbulência atual deve ser bem menos intensa do que a crise de setembro de 2008, provocada pela quebra do Lehman Brothers.

E o Brasil, por sua vez, será também menos afetado.

É que ficou provado, segundo o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, que o Brasil está mais bem preparado. O ex-ministro, hoje sócio da Tendências Consultoria, está convencido de que o risco agora é de uma desvalorização do real.

Se isto a ocorrer, diz ele, poderia provocar nova pressão inflacionária, o que alimentaria o ciclo de alta dos juros.

— Não acredito que a União Europeia vai deixar a sangria da Grécia continuar depois dos eventos de hoje (ontem).

Se o salvamento demorar mais, os problemas podem extravasar e virar uma hemorragia que atingirá a Europa como um todo — afirmou o economista.

Maílson defende uma maior participação do Fundo Monetário Internacional (FMI) no socorro ao país, num valor acima do aporte previsto até semana passada de C 15 bilhões, além da própria ajuda financeira da União Europeia: — Eu acredito em que haverá salvamento da Grécia, sob risco de se colocar o euro em dúvida. O euro é uma jornada sem direito a retorno. Por isso, é preciso agora decisões rápidas e ações firmes.

Leste da Europa atrai investimentos de Portugal

O economista Luiz Carlos Prado, do Instituto de Economia (IE) da **Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**, por sua vez, acredita que a turbulência detonada pela decisão da S&P de rebaixar a nota de Grécia e Portugal evidencia os problemas do bloco, que nasceu como um projeto político, e não conseguiu evoluir para constituir-se como uma confederação de estados.

— Os países da União Europeia não têm autonomia para mexer no câmbio nem nos juros.

Só o Banco Central Europeu pode fazer isso. Resta apenas trabalhar com política fiscal, e fazer ajustes é sempre muito difícil — avalia Prado, acrescentando que, apesar dessas dificuldades, não há risco de a União Europeia acabar.

Prado avalia que a inclusão dos países do Centro e Leste da Europa ao bloco, nos últimos anos, agravou problemas internos, porque os países tradicionalmente mais carentes de investimentos externos, como Portugal, por exemplo, tiveram que passar a disputar os recursos com várias outras nações.

Território minado por política fiscal (Raquel Abrantes)

Jornal do Brasil

O território europeu está minado devido a uma política expansionista mal planejada e, neste cenário, o euro torna-se uma camisa-de-força para o crescimento. Terça-feira, quando a agência de classificação de risco Standard and Poor"s rebaixou a nota da dívida soberana da Grécia e de Portugal, especialistas já começaram a pensar na vez da Espanha, em um contágio desencadeado pela similaridade entre os países mais pobres do continente, que adotaram os impostos como forma de receita e, mais adiante, os empréstimos no exterior.

Com a recessão, o esvaziamento de capital da Grécia, Portugal e Espanha mostrou a fragilidade de economias unidas pelo euro, mas desvinculadas politicamente apesar da existência da União Europeia. O rebaixamento da dívida vem apenas corroborar as incertezas do mercado quanto à capacidade de pagamento dos governos, que buscam formas de reduzir os juros cobrados nas negociações de seus títulos. Para o professor de economia internacional da FGV-SP Ernesto Lozardo, o grande erro dos líderes europeus foi criar uma moeda comum antes de adotar políticas fiscais integradas e responsáveis.

– A moeda símbolo da UE vai se tornando menos confiável, porque não tem equilíbrio fiscal. Os países mais pobres financiaram seu crescimento com a expansão tributária e, quando não puderam mais, por causa da inflação, buscaram recursos internacionais – explicou Lozardo.

No velho mundo, onde Alemanha e França são as locomotivas, a retirada dos investimentos dos menos desenvolvidos gera um efeito dominó no continente, segundo o professor de economia internacional da **UFRJ**, Reinaldo Gonçalves.

– Os americanos querem que os primos ricos paguem a conta da crise e eles não querem pagar, com toda razão – avalia. – O governo grego internacionalizou o problema, pedindo ajuda, para evitar uma crise de legitimidade do Estado e buscar aval para cobrir o rombo com novo aperto fiscal da população.

Por volta de 1980, o Fundo de Desenvolvimento Europeu era usado para melhorar a infraestrutura dos países mais atrasados da UE, o que gerou crescimento. Mas, quando os recursos pararam de entrar, Grécia, Portugal e Espanha partiram para a elevação de impostos.

– As nações não queriam ficar atrás do resto do grupo em desenvolvimento”, relacionou Lozardo.

O professor da FGV lembra que, apenas no final de 2007, surgiu a preocupação entre os líderes europeus de criar uma receita baseada na competitividade dos mercados, com a assinatura do Tratado de Lisboa. Contudo, a crise financeira internacional impediu que o projeto fosse colocado em prática.

Brasil pode aprender lição com erro dos gregos (Não Assinado)

Jornal do Brasil

O principal problema da Grécia atualmente, segundo o professor da **UFRJ** Reinaldo Gonçalves, é o déficit em conta corrente – balança comercial, conta de serviços e transferências – de 11, 2% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2009 ou US\$ 37,1 bilhões.

– Houve um excesso de empréstimos concedidos à Grécia, que não está conseguindo pagar a dívida externa de US\$ 500 bilhões – evidencia.

Gonçalves criticou o endividamento grego para sediar as Olimpíadas de Atenas em 2004. “Foi de total irresponsabilidade do governo investir tanto em um evento específico sem aumentar a competitividade internacional de um país frágil economicamente, dependente de turismo”.

Para o professor, a crise grega pode servir de lição para o Brasil, que prioriza investimentos em infraestrutura visando à Copa de 2014 e às Olimpíadas de 2016.

– A diferença é que a economia brasileira é três vezes maior, representando 2% do PIB mundial, enquanto a Grécia responde por 0,5% – compara.

Zona do euro

Nos últimos dez anos, o déficit em conta corrente dos gregos foi de 9% do PIB nacional, e o déficit público, de 6%. O vice-presidente do Banco Central Europeu (BCE), o grego Lucas Papademos, demonstrou preocupação terça-feira ao afirmar que alguns países da zona do euro enfrentam “problemas similares” aos de Atenas, mas “em graus diferentes”.

Portugal teve déficit de 10,057% do PIB em transações correntes em 2009. Já na Espanha, o indicador mais preocupante é a taxa de desemprego, de 18% em 2009, que deve chegar a 19,4% este ano

segundo projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os espanhóis também têm a maior estimativa de déficit público para 2010: de 10,404% do PIB.